



TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E CARTOGRAFIA SOCIAL

Roberto Chaparro Lopes (robertochaparro10@hotmail.com)

Marcos Leandro Mondardo (marcosmondardo@yahoo.com.br)

Achille Mbembe (2018) pressupõe que a maior expressão da soberania se faz no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. O autor questiona “que lugar é dado à vida, à morte, ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?”. O Conselho Indigenista Missionário - CIMI (2019) revela que 447 indígenas foram assassinados em Mato Grosso do Sul (MS) de 2003 a 2018, 49% das mortes de indígenas do país no período. Destas, 411 eram Guarani e Kaiowá, 92% das mortes no estado e 45% das mortes do país. Em 2010 a Taxa de Mortalidade (TM) da Reserva Indígena de Dourados (RID) era de 145 para cada 100 mil hab. (CIMI, 2011). De 2012 a 2014 a Taxa de Homicídios (TH) entre os indígenas do MS foi de 55,9 para cada 100 mil hab., enquanto na RID foi de 101,1 para cada 100 mil hab. (MPF, 2019). Analisar os dados obtidos junto à mídia digital dos assassinatos de indígenas no MS a fim de levantar como a necropolítica atua sobre corpos e territórios dos Guarani e Kaiowá. A coleta de dados da pesquisa foi realizada por meio de reportagens de jornais de circulação on-line do estado de MS, com a utilização dos seguintes descritores: assassinato índio, assassinato indígena, assassinato Guarani, assassinato Kaiowá, assassinato aldeia, e, assassinato Reserva Indígena, no período que compreende fevereiro a agosto de 2019. Muitos casos relatam crimes violentos, em corpos com diversas perfurações de facas, cortes profundos nos pescoços, cabeça e rostos desfigurados. Dourados apresentou 50% dos casos de assassinatos (n=100), Amambai 14% (n=28) e Caarapó 12% (n=24). Ao que se referente à localidade específica onde tais assassinatos ocorreram, constata-se que os casos ocorreram em três locais distintos: nas aldeias, nas cidades e nas fazendas. A Aldeia Bororó foi a localidade com maior registro de casos com 27,6% (n= 55), Aldeia Jaguapiru 13% (n= 26), Aldeia Tey Kuê 8,5% (n=17) e Aldeia Amambai 6% (n=12). Em meio aos discursos preconceituosos da mídia e sociedade, que estigmatizam e veem o tekoha como violento e marginalizado, cartografias sociais a quais tivemos acesso, produzidas por crianças indígenas de Dourados, mostram que para os Guarani e Kaiowá o tekoha é um território sagrado e de bem viver, em contato com a terra e saberes tradicionais, embora vivam com medo no contexto violento ao qual estão inseridos. Vemos como o mecanismo necropolítico atua nos territórios e corpos Guarani e Kaiowá, ameaçados e “deixados para morrer” na ausência do Estado e políticas públicas eficientes.

Agradecimento: A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD pela concessão de Bolsa ao primeiro autor.